

Valentin Volóchinov

Marxismo
e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Tradução, notas e glossário
Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

Ensaio introdutório
Sheila Grillo

editora ■ 34

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.
Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000
São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2017
Tradução @ Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, 2017
Ensaio introdutório © Sheila Grillo, 2017

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

A Editora 34 agradece a Rafael Rocca
pela tradução e revisão dos trechos em alemão.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:
Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:
Cecília Rosas, Danilo Hora, Beatriz de Freitas Moreira

1ª Edição - 2017, 2ª Edição - 2018

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Volóchinov, Valentin, 1895-1936
V142m Marxismo e filosofia da linguagem:
problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem / Valentin Volóchinov;
tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e
Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório
de Sheila Grillo — São Paulo: Editora 34, 2018
(2ª Edição).
376 p.

ISBN 978-85-7326-661-0

Tradução de: Marksizm i filossófia iaziká:
osnovnie problémi sotsiologúitsheskogo
métoda v náuke o iaziké

1. Linguística. 2. Círculo de Bakhtin.
3. Filosofia da linguagem. I. Grillo, Sheila.
II. Vólkova Américo, Ekaterina. III. Título.

CDD - 410

Marxismo e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Ensaio introdutório, *Sheila Grillo* 7

MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Introdução 83

Parte I — A IMPORTÂNCIA DOS PROBLEMAS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA O MARXISMO

1. A ciência das ideologias
e a filosofia da linguagem 91
2. O problema da relação
entre a base e as superestruturas 103
3. A filosofia da linguagem
e a psicologia objetiva 115

Parte II — OS CAMINHOS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM MARXISTA

1. Duas tendências
do pensamento filosófico-linguístico 143
2. Língua, linguagem e enunciado 173

3. A interação discursiva	201
4. Tema e significação na língua	227

**Parte III — PARA UMA HISTÓRIA DAS FORMAS DO
ENUNCIADO NAS CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA
(EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO MÉTODO
SOCIOLOGICO AOS PROBLEMAS SINTÁTICOS)**

1. A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe	241
2. Exposição do problema do “discurso alheio”	249
3. Discurso indireto, discurso direto e suas modificações	263
4. Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa	291
 Anexo	
Plano de trabalho de Volóchinov	325
 Glossário, <i>Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo</i>	353
 <i>Sobre o autor</i>	371
<i>Sobre as tradutoras</i>	373

A interação discursiva⁵²

A teoria da expressão do subjetivismo individualista, a crítica da teoria da expressão, a estrutura sociológica da vivência e da expressão. O problema da ideologia do cotidiano. O enunciado como base da formação da língua. Os caminhos para a solução do problema da realidade efetiva da língua. O enunciado como um todo e suas formas.

Como observamos, a segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico está relacionada com o racionalismo e o neoclassicismo. **A primeira tendência — o subjetivismo individualista — está ligada ao romantismo.** O romantismo em grande parte foi uma reação à palavra alheia e às categorias do pensamento condicionadas por ela. De modo mais preciso, o romantismo foi uma reação à última recidiva do domínio cultural da palavra alheia, ao Renascimento e ao neoclassicismo. Os românticos foram os primeiros filólogos

⁵² Optamos por traduzir a expressão russa *retchevóie vzaimodiéistvie* por “interação discursiva”, uma vez que se trata do uso concreto da língua em uma situação social mais próxima e em um meio social mais amplo, resultando no enunciado. Além disso, o adjetivo *retchevói* (“discursivo” ou “de discurso”) é o mesmo que aparece no título do famoso texto de Bakhtin *Os gêneros do discurso* (ed. bras.: Mikhail Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, 2016). (N. da T.)

da língua materna, os primeiros a tentar reconstruir radicalmente o pensamento linguístico na base das vivências da língua materna, vista como *medium* de formação da consciência e do pensamento. Mesmo assim, os românticos não foram capazes de reconstruir o pensamento que constituiu e se assentou ao longo dos séculos e eles não foram capazes de reconstruir o pensamento linguístico que constituiu e se assentou ao longo dos séculos. É claro que eles so, a esse pensamento foram introduzidas novas categorias responsáveis pelas particularidades específicas da primeira tendência. É característico que, mesmo no presente momento, os representantes do subjetivismo individualista sejam em sua maioria romanistas, especialistas em línguas novas (Vossler, Leo Spitzer, Lorck e outros).

Entretanto, o subjetivismo individualista também considerava o enunciado monológico enquanto a última realidade, isto é, o ponto de partida do seu pensamento sobre a linguagem. É verdade que eles a abordavam não do ponto de vista de um filólogo que compreende passivamente, mas como se fosse de dentro, do ponto de vista do próprio falante que se expressa.

O que seria então o enunciado monológico do ponto de vista do subjetivismo individualista? — Como observamos, ele é um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gostos e assim por diante. A categoria da expressão é aquela categoria superior e geral à qual é reduzido o ato linguístico, isto é, o enunciado.

Porém, o que seria essa expressão?

A sua definição mais simples e grosseira é a seguinte: algo que se formou e se definiu de algum modo no psiquismo do indivíduo e é objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos.

Desse modo, a expressão possui dois membros: o *expresso* (interior) e a sua *objetivação exterior* para os outros (ou talvez até para si mesmo). A teoria da expressão, por mais

refinadas e complexas que sejam as suas formas, supõe inevitavelmente esses dois membros: todo o acontecimento da expressão ocorre entre eles. Por conseguinte, toda a teoria da expressão supõe inevitavelmente que o expresso pode de algum modo se formar e existir fora da expressão, que ele existe em uma forma e depois se converte em outra. Pois, caso contrário, se o expresso desde o início existisse na forma da expressão e entre eles houvesse uma conversão quantitativa (no sentido de compreensão, diferenciação etc.), toda a teoria da expressão desmoronaria. A teoria da expressão pressupõe invariavelmente um certo dualismo entre o interior e o exterior e uma certa primazia do interior, pois todo o ato de objetivação (expressão) ocorre de dentro para fora. As suas fontes encontram-se no interior. Não é por acaso que a teoria do subjetivismo individualista, como todas as teorias da expressão no geral, se originou exclusivamente no terreno idealista e espiritualista. Tudo que é essencial se encontra no interior e o exterior pode se tornar essencial apenas ao se converter em um recipiente do interior, isto é, a expressão do espírito.

No entanto, ao se tornar exterior e expressar-se para fora, o interior muda de aspecto, pois ele é obrigado a dominar o material exterior que possui as suas próprias leis, alheias ao interior. No processo desse domínio do material, da sua superação, da sua transformação em um *medium* obediente da expressão, aquilo que é vivido e expresso muda de aspecto e é forçado a buscar uma espécie de meio-termo. É por isso que, no terreno do idealismo, no qual se formaram todas as teorias da expressão, pode ocorrer a negação radical desta, vista como distorção da pureza do interior.⁵³ Em

⁵³ “A ideia proferida é uma mentira” (Fiódor Tiútchev); “Ah, se fosse possível dizer com a alma sem usar palavras” (Afanássi Fet). Essas afirmações são absolutamente típicas do romantismo idealista.

todo caso, todas as forças criativas e organizadoras encontram-se no interior. Todo o exterior é apenas um material passivo da formulação interior. De modo geral, a expressão é construída no interior e é em seguida convertida para o exterior. Disso decorre que o processo de compreensão, interpretação e explicação de um fenômeno ideológico, interfere deve ser direcionado para o interior; ele deve ocorrer na direção oposta da expressão: partindo da objetivação exterior, a explicação deve chegar a suas raízes interiores e organizadoras. É assim que o subjetivismo individualista compreende a expressão.

A teoria da expressão que se encontra na base da primeira tendência do pensamento filosófico-linguístico é incorreta em sua essência.

A vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas, como sabemos, a partir do mesmo material. Com efeito, não há vivência fora da encarnação sgnica. Portanto, desde o início, não pode haver nenhuma diferença qualitativa entre o interior e o exterior. Mais do que isso, o centro organizador e formador não se encontra dentro (isto é, no material dos signos interiores), e sim no exterior. Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo a sua direção.

De fato, não importa qual aspecto da expressão-enunciado considerarmos, ele será definido pelas condições reais do enunciado e, antes de tudo, pela *situação social mais próxima*.

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A *palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante

ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. Mesmo quando pretendemos viver e expressar *urbi et orbi*, é claro que, na verdade, vemos tanto a cidade quanto o mundo pelo prisma do ambiente social concreto circundante. Na maioria dos casos, pressupomos um certo *horizonte social* típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos; isto é, para um contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, das nossas leis.

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for um indivíduo, tanto mais o seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época.

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a *palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto a palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao "um" em relação ao "outro". Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor.

Mas quem seria o falante? Pois mesmo se a palavra não lhe pertencer por inteiro — sendo uma espécie de zona limítrofica entre ele e o interlocutor — ela é em grande medida uma propriedade do falante.

Em um determinado momento, o falante é o proprietário indiscutível da palavra, que é inalienável dele. Trata-se do ato puramente fisiológico, a categoria de propriedade não pode ser aplicada.

No entanto, se tomarmos não o ato fisiológico da realização do som, mas a realização da palavra como um signo, a questão da propriedade se tornará extremamente complicada. Isso sem mencionar o fato de que a palavra como signo é tomada de empréstimo pelo falante da reserva social de signos disponíveis; a própria constituição individual desse signo social em um enunciado concreto é determinada integralmente pelas relações sociais. Justamente aquela individualização estilística do enunciado abordada pelos vosslerianos é o reflexo das inter-relações sociais e é em seu ambiente que se constitui o enunciado em questão. *A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado.*

De fato, não importa qual enunciado considerarmos: ainda que ele não represente uma mensagem objetiva (uma comunicação no sentido estrito), mas uma expressão verbal de alguma necessidade como, por exemplo, a fome, concluiremos que sua orientação é inteiramente social. Antes de mais nada, ele é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada; isto é, a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro, seja como uma exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou como uma súplica por piedade, seja em estilo pomposo ou simples, seja de modo confiante ou tímido e assim por diante.

Essa situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado. As camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, pelas quais o falante participa.

Se tomarmos o enunciado no processo da sua constituição “ainda dentro da alma”, a essência da questão não será alterada, pois a estrutura da vivência é tão social quanto a estrutura da sua objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social.

De fato, mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica. Toda tomada de consciência precisa do discurso interior, da entonação interior e do estilo interior embrionário, uma vez que é possível tomar consciência da própria fome de modo suplicante, aflito, irritado, inconformado. É claro que aqui enumeramos somente as orientações mais grosseiras e fortes da entonação interior, quando na verdade uma vivência pode ter uma entonação bastante sutil e complexa. Na maioria dos casos, a expressão exterior apenas continua e esclarece a orientação do discurso interior e as entonações contidas nela.

O sentido da entonação da sensação interior de fome dependerá tanto da situação mais próxima da vivência quanto da posição social geral daquele que passa fome. Com efeito, essas condições determinarão qual será o contexto valorativo e o horizonte social em que a experiência da fome será concebida. O contexto social mais próximo determinará os possíveis ouvintes, aliados ou inimigos para os quais a consciência e a vivência da fome irão se orientar, por exemplo, a amargura com a má sorte e o destino infeliz, consigo mesmo, com a sociedade, com um determinado grupo social ou com uma pessoa etc. É claro que essa orientação social da vivência pode possuir diferentes graus de consciência, precisão e

A interação discursiva

o choro do bebê
o gregário
o potencial
a vivência
do "eu."

diferenciação, porém não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa. Até o choro de um bebê de colo é "orientado" para a mãe. A vivência da fome pode ser direcionada para um possível apelo, para um argumento de propaganda, ser concebida como um protesto e assim por diante.

Em relação ao ouvinte potencial (que às vezes é percebido de modo bem evidente), é possível distinguir dois polos e dois extremos entre os quais a vivência pode ser concebida e formada ideologicamente, tendendo ora para uma direção, ora para outra. Denominaremos esses extremos convencionalmente de "vivência do eu" e "vivência do nós".

Em sua essência, a "vivência do eu" tende à eliminação, isto é, ela perde a sua forma ideológica à medida que se aproxima do limite e, por conseguinte, deixa de ser concebida, aproximando-se da reação fisiológica de um animal. No limite, a vivência perde todas as potencialidades, todos os germes de orientação social e, conseqüentemente, também a sua forma verbal. Algumas vivências e até grupos inteiros podem se aproximar desse limite extremo, sendo privados de sua clareza e forma ideológica e demonstrando uma falta de enraizamento social da consciência.⁵⁴

A "vivência do nós" não é de modo algum uma vivência gregária primitiva: ela é diferenciada. Mais do que isso, a diferenciação ideológica e o aumento da consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à convicção da orientação social. Quanto mais unida, organizada e diferenciada for

(X)

⁵⁴ Sobre a possibilidade de um grupo de vivências sexuais de um homem ficar fora de um contexto social e a perda da consciência verbal em decorrência disso, conferir nosso livro *Freudismo*, Lenotguiz, 1927, pp. 136-7.

[Ed. bras.: Mikhail Bakhtin, *O freudismo: um esboço crítico*, tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Perspectiva, 2001. (N. da T.)]

(X) a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado e complexo será seu mundo interior.

Existem diferentes graus da "vivência do nós" e suas formas ideológicas podem se manifestar de vários modos.

Suponhamos que um faminto tome consciência de sua fome em uma multidão desunida de famintos ocasionais (um azarado, um mendigo etc.). A vivência desse solitário marginalizado terá um tom específico e tenderá a certas formas ideológicas, cuja amplitude pode ser bastante vasta: resignação, vergonha, inveja e outros tons valorativos marcarão a sua vivência. Esta irá se desenvolver na direção das formas ideológicas correspondentes: o protesto individualista de um miserável ou a resignação mística penitente.

Suponhamos que o faminto pertença a uma coletividade em que a fome não é ocasional e tem um caráter coletivo, porém a própria coletividade de famintos não possui uma ligação firme e material, isto é, passa fome desunida. Na maioria dos casos, os camponeses se encontram nessa posição. A fome é partilhada por todos, porém, como há desunião material e ausência de uma economia única, cada um vive no mundinho pequeno e fechado da sua economia individual.

(X) Uma coletividade assim não possui um corpo material unificado para uma ação unificada. Nessas condições prevalecerá a consciência resignada da sua fome, porém sem os sentimentos de vergonha e humilhação: "Todos aguentam, aguarde você também". Nesse terreno se desenvolvem os sistemas filosóficos e religiosos como a não violência e o fatalismo (o cristianismo primitivo e o tolstoísmo).

O membro de uma coletividade (regimento de soldados; trabalhadores reunidos em uma fábrica; lavradores assalariados de uma grande fazenda capitalista; e por fim uma classe inteira, ao amadurecer até a forma da "classe para si") organizada em termos objetivo-materiais vivencia a fome de modo totalmente diferente. Nesse caso, prevalecerão na vivência os tons de protesto ativo e confiante, e não haverá espa-

ção para entonações de resignação e de submissão. Além disso, o terreno será mais fértil para a clareza ideológica e o acabamento da vivência.⁵⁵

Todos os tipos de vivências que tiveram suas principais entonações analisadas por nós carregam imagens e formas correspondentes de enunciados possíveis. A situação social sempre determina qual será a imagem, a metáfora e a forma de enunciar a fome que pode se desenvolver a partir de dada direção entonacional da vivência.

A autovivência individualista possui um caráter específico. Não se trata da "vivência do eu" no sentido exato da palavra, definido acima. A vivência individualista é bastante diferenciada e acabada. O individualismo é uma forma ideológica específica da "vivência do nós" da classe burguesa (existe um tipo análogo de autovivência individualista na classe da aristocracia feudal). O tipo de vivência individualista é determinado por uma orientação social sólida e confiante. A autoconfiança individualista, a sensação do valor próprio não vem do interior nem das profundezas da personalidade, mas de fora: é a interpretação ideológica do meu reconhecimento social, da garantia dos meus direitos e do apoio e proteção objetivos concedidos por todo o regime político à minha atividade econômica individual. A estrutura da personalidade individual consciente é tão social quanto o tipo de vivência coletiva: é uma determinada interpretação ideológica de uma situação socioeconômica complexa e es-

⁵⁵ Um material interessante sobre a questão da expressão da fome encontra-se nos livros de um linguista moderno famoso da escola de Vossler — Leo Spitzer: *Italienische Kriegsgefangenenbriefe* [Cartas italianas de prisioneiros de guerra] e *Die Umschreibungen des Begriffes Hunger* [As paráfrases do conceito de fome]. O principal problema abordado nessas obras é a flexibilidade com que a palavra e a imagem se adaptam às condições de uma situação excepcional. Entretanto, o autor não apresenta uma abordagem verdadeiramente sociológica.

ável projetada para alma individual. Contudo, no tipo de "vivência do nós" individualista, assim como no regime correspondente, há uma contradição interna que mais cedo ou mais tarde romperá o seu acabamento ideológico.

O tipo de autovivência solitária possui uma estrutura análoga ("o dom e a força de ser solitário em sua verdade", tipo cultivado por Romain Rolland e em parte por Tolstói). O orgulho dessa solidão também se apoia no "nós". Esse é um tipo característico da "vivência do nós" da *intelligentsia* atual da Europa Ocidental. As palavras de Tolstói sobre a existência do pensamento para si e do pensamento para o público compreendem apenas duas concepções de público. Na verdade, a expressão "para si" significa apenas outra concepção social do ouvinte, própria de Tolstói. Não existe um pensamento fora da orientação para uma expressão possível e, por conseguinte, fora da orientação social dessa expressão e do próprio pensamento.

Desse modo, a personalidade falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior. Consequentemente, o caminho entre a vivência interior (aquilo que é "expresso") e a sua objetivação exterior (o "enunciado") percorre o território social. Já quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos.

Tudo o que dissemos lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia analisado por nós.

A consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação em um material determinado (o material do gesto, da palavra interior, do grito). Trata-se aqui de uma construção ideológica ruim, criada por meio de uma abstração dos fatos concretos da expressão social. Todavia, a consciên-

consciência
no
relações
entre
mundo
e
natureza

Princípio
do
socialismo
científico
é
a
consciência
social
que
se
desenvolve
na
prática
social
e
é
a
força
que
impulsiona
a
transformação
social

cia como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social. Entretanto, essa consciência não se encontra acima da existência nem pode determiná-la de modo constitutivo, pois a consciência é uma parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel no palco da existência. Enquanto a consciência permanece na cabeça daquele que pensa como um embrião verbal da expressão, ela é apenas uma parte muito pequena da existência, com um campo de ação reduzido. No entanto, quando ela passa todos os estágios da objetivação social e entra no campo de força da ciência, da arte, da moral, do direito, ela se torna uma força verdadeira, capaz até de exercer uma influência inversa nas bases econômicas da vida social. É claro, a força da consciência está na sua encarnação em determinadas organizações sociais e na sua fixação em expressões ideológicas estáveis (ciência, arte e assim por diante), porém ela já era um pequeno acontecimento social, e não um ato individual interior, na forma primária vaga de um pensamento e uma vivência instantâneos.

Desde o princípio, a vivência está orientada para uma expressão exterior bastante atualizada e tende para ela. Essa expressão da vivência pode ser realizada, mas também pode ser atrasada e retardada. Nesse último caso, a vivência é uma expressão retardada (não abordaremos aqui a questão bastante complexa das causas e condições do retardamento). Por sua vez, a expressão realizada exerce uma potente influência inversa sobre a vivência: ela começa a penetrar na vida interior, dando-lhe uma expressão mais estável e definida.

Essa influência inversa da expressão acabada e estável sobre a vivência (ou seja, a expressão interior) possui um enorme significado e deve ser sempre levada em consideração. É possível dizer que *não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas nosso mundo interior que*

A
consciência
se
adapta
às
possibilidades
da
nossa
expressão

se adapta às possibilidades da nossa expressão e aos seus possíveis caminhos e direções.

A todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas chamaremos, diferentemente dos sistemas ideológicos formados — a arte, a moral, o direito —, de ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado “consciente”. Considerando o caráter sociológico da estrutura da expressão e da vivência, podemos dizer que a ideologia do cotidiano, no nosso entender, corresponde em geral àquilo que na literatura marxista é denominado como “psicologia social”. No presente contexto preferimos evitar a palavra “psicologia”, uma vez que tratamos excepcionalmente do conteúdo do psiquismo e da consciência inteiramente ideológico e determinado não por fatores individuais e orgânicos (biológicos, fisiológicos), mas de caráter puramente sociológico. O fator individual-orgânico é totalmente irrelevante para a compreensão das principais linhas criativas e vivas do conteúdo da consciência.

Os sistemas ideológicos formados — a moral social, a ciência, a arte e a religião — cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom. Todavia, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos, assim como estão mortas uma obra literária finalizada ou uma ideia cognitiva fora da sua percepção avaliada viva. No entanto, uma obra ideológica existe apenas para essa percepção que se realiza na linguagem da ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano insere a obra em uma dada situação social. A obra passa a ser ligada a todo o conteúdo da consciência e é percebida apenas no contexto dessa consciência atual. A obra é interpretada no espírito desse

Ide
psic
a lit

conteúdo da consciência (da consciência daquele que percebe) e é elucidada por ele de modo novo. É essa a vida de uma obra ideológica. Em cada época de sua existência histórica, a obra deve interagir estreitamente com a ideologia do cotidiano em transformação, preencher-se por ela e nutrir-se de sua seiva nova. Apenas à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterrupta e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em um dado grupo social). Fora dessa ligação, ela deixa de existir, por não ser vivida como algo ideologicamente significativo.

No livro Comunistas a Ideologia do Cotidiano
Devemos distinguir várias camadas na ideologia do cotidiano. Essas camadas são determinadas pela escala social que mede a vivência e a expressão, bem como pelas forças sociais que as orientam diretamente.

Como já sabemos, o horizonte no qual se realiza uma dada vivência ou expressão pode ser mais ou menos amplo. O mundinho da vivência pode ser estreito e escuro e a sua orientação social, ocasional e instantânea, própria apenas a um grupo eventual e instável formado por algumas pessoas. É claro que mesmo essas vivências voluntárias são ideológicas e sociológicas, apesar de já estarem no limite entre o normal e o patológico. Essa vivência ocasional permanece isolada na vida espiritual de uma pessoa. Ela não será capaz de firmar-se e encontrar uma expressão diferenciada e acabada, pois, se ela é privada de um auditório socialmente fundamentado e estável, de onde surgirão as bases para sua diferenciação e acabamento? É menos provável ainda que essa vivência ocasional seja fixada (por escrito e tampouco de forma impressa). Evidentemente, essa vivência gerada por uma situação instantânea ocasional não terá nenhuma chance de adquirir força e influência sociais posteriores.

Essas vivências compõem a camada mais inferior, fluida e rapidamente mutável da ideologia do cotidiano. Por conseguinte, a essa camada pertencem todas aquelas vivências va-

gas, pouco desenvolvidas, que relampejam na nossa alma, bem como pensamentos e palavras ocasionais e vazios. Todos eles são embriões de orientações sociais, inaptos à vida, romances sem personagem e discursos sem auditório. Eles são privados de qualquer lógica e unidade. É extremamente difícil perceber uma lei sociológica nesses retalhos ideológicos. Na camada inferior da ideologia do cotidiano é possível captar apenas a lei estática; somente uma grande massa de produtos desse gênero revela as linhas gerais da lei socioeconômica. Evidentemente é impossível revelar de modo prático as premissas socioeconômicas de uma vivência ou expressão isolada e ocasional.

Já as camadas superiores da ideologia do cotidiano, aquelas que se encontram em contato direto com os sistemas ideológicos, são mais substanciais, responsáveis e possuem um caráter criativo. Elas são muito mais ativas e sensíveis do que a ideologia formada; são capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza. É justamente aqui que se acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos. Antes de conquistar seu espaço na ideologia oficial organizada, as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos nas camadas superiores da ideologia do cotidiano. É claro, no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as práticas e as abordagens ideológicas.

Aquilo que é normalmente chamado de "individualidade criativa" expressa a linha fundamental, firme e constante da orientação social de um homem. Acima de tudo, ela é constituída pelas camadas superiores e mais acabadas do discurso interior (da ideologia do cotidiano), cujas imagens e

entonações passaram pelo estágio de expressão, isto é, por aqui de palavras, entonações, gestos intraverbais, que passaram pela experiência da expressão exterior em uma escala social maior ou menor, que foram por assim dizer socialmente bastante amoldados e polidos pelas reações e réplicas, pela reprovação ou apoio do auditório social.

É óbvio que, nas camadas inferiores da ideologia do cotidiano, o fator biobiográfico desempenha um papel essencial; porém, à medida que o enunciado se insere em um sistema ideológico, a sua importância torna-se cada vez menor. Consequentemente, se nas camadas inferiores da vivência e expressão (do enunciado) as explicações biobiográficas podem dem possuir algum valor, nas camadas superiores o seu papel é extremamente modesto. O método sociológico objetivo tem aqui uma soberania total.

Em síntese, a teoria da expressão que fundamenta o subjetivismo individualista deve ser dispensada por nós. O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo. Somente um grito animal inarticulado é de fato organizado a partir do interior, do aparelho fisiológico de um indivíduo. Ele é pura reação fisiológica, sem nenhum acréscimo ideológico. No entanto, o enunciado humano mais primitivo, pronunciado por um organismo, é organizado fora dele do ponto de vista do seu conteúdo, sentido e significação: nas condições extraorgânicas do meio social. O enunciado como tal é inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante.

Ao contrário do que diz a doutrina do objetivismo abstrato, o enunciado singular (parole) de modo algum é um fa-

to individual que, devido a sua individualidade, não pode ser submetido a uma análise sociológica. Se fosse assim, a soma desses atos individuais, bem como seus aspectos abstratos ("as formas normativas-idênticas") não poderiam gerar nenhum produto social.

O subjetivismo individualista *tem razão* ao defender que os enunciados singulares são de fato a realidade concreta da língua e possuem nela uma significação criativa.

No entanto, o subjetivismo individualista *não tem razão* em ignorar e não compreender a natureza social do enunciado, tentando deduzi-lo como uma expressão do mundo interior do falante. A estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é uma estrutura social. O acabamento estilístico do enunciado — o acabamento social e o próprio fluxo discursivo dos enunciados que de fato representa a realidade da língua — é um fluxo social. Cada gota nele é social, assim como toda a dinâmica da sua formação.

O subjetivismo individualista *tem absoluta razão* ao afirmar que é impossível separar a forma linguística do seu conteúdo ideológico. Toda palavra é ideológica, assim como cada uso da língua implica mudanças ideológicas. O subjetivismo individualista, no entanto, *não tem razão* em deduzir o conteúdo ideológico da palavra das condições do psiquismo individual.

O subjetivismo individualista *tampouco tem razão* ao partir, assim como o objetivismo abstrato, principalmente do enunciado monológico. É verdade que alguns vosslerianos estão começando a abordar o problema do diálogo e, por conseguinte, vêm se aproximando da compreensão mais correta da interação discursiva. Nesse sentido é extremamente característico o livro de Leo Spitzer já citado, *Italienische Umgangssprache* [Linguagem coloquial italiana], onde foram feitas tentativas de analisar as formas da linguagem coloquial italiana em ligação estreita com as condições da fala

e principalmente com a posição do interlocutor.⁵⁶ Não obstante, o método de Leo Spitzer é descritivo-psicológico. Ele não tira as devidas conclusões sociológicas da sua análise. Portanto, para os vosslerianos, o enunciado monológico permanece como uma realidade fundamental.

O problema da interação discursiva foi colocado com extrema clareza por Ottmar Dittrich.⁵⁷ Ele parte da crítica da teoria do enunciado como expressão. Para o autor, a função principal da língua não é a expressão, mas a mensagem. Isso o leva a considerar o papel do ouvinte. De acordo com Dittrich, *dois participantes* (o falante e o ouvinte) são a condição mínima de um fenômeno linguístico. No entanto, as premissas psicológicas gerais de Dittrich são as mesmas do subjetivismo individualista. Além disso, os estudos de Dittrich carecem de uma base sociológica definida.

*Síntese /
Respostas
às perguntas
do capítulo anterior*

Agora podemos dar uma resposta às questões por nós colocadas no início do primeiro capítulo desta parte. A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento

⁵⁶ A própria composição do livro, dividido em quatro capítulos, é bastante característica. Eis os seus títulos: I. Eröffnungsformen des Gesprächs. II. Sprecher und Hörer; a) Höflichkeit (Rücksicht auf den Partner). b) Sparsamkeit und Verschwendung im Ausdruck; c) Ineinandergreifen von Rede und Gegenrede. III. Sprecher und Situation. IV. Der Abschluss des Gesprächs [I. Formas de introdução do diálogo. II. Locutor e interlocutor: a) Consideração pelo parceiro; b) Economia e desperdício na expressão; c) Imbricação de fala e réplica. III. Locutor e situação. IV. Conclusão do diálogo]. O precursor de Spitzer no estudo da linguagem colocal nas condições da fala real foi Hermann Wunderlich. Confira seu livro: *Unsere Umgangssprache* [Nossa linguagem coloquial] (1894).

⁵⁷ Cf. *Die Probleme der Sprachpsychologie* [Problemas da psicologia da linguagem] (1913).

tecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.

Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua.

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, *um discurso verbal impresso* também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc.). Além disso, esse discurso verbal⁵⁸ é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multila-

⁵⁸ A expressão *rietchevóie vistupliénie* já apareceu no capítulo anterior como sinônimo de "enunciado". (N. da T.)

teral de uma dada coletividade social. Disso surge um problema importante: o estudo do elo entre a interação concreta e a situação extraverbal mais próxima e, por meio desta, a situação mais ampla. As formas desse elo são diversas e estas evoluem em momentos variados (por exemplo, os tipos das situações da comunicação artística ou científica). *A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta.* A comunicação verbal está diretamente relacionada às condições de outros tipos, por terem surgido no terreno comum da comunicação produtiva. Obviamente, não se pode separar a palavra dessa comunicação unificada em eterna formação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não discursivo (atos do trabalho, atos simbólicos de um rito ou de uma cerimônia e assim por diante), dos quais ela é frequentemente apenas um complemento, desempenhando um mero papel auxiliar. *A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

A evolução real da língua também ocorre na mesma ordem: *a comunicação social se forma (fundamentada na base), nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as formas dos discursos verbais e, por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua.*

A partir de tudo o que foi dito, evidencia-se a extrema importância do problema das formas do enunciado como uma totalidade. Já havíamos apontado que a linguística moderna carece de uma abordagem do próprio enunciado. A sua análise não vai além dos seus elementos. Entretanto, os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem. Não obstante, justamente para estudar as formas dessa unidade real, não se pode isolá-la do fluxo histórico dos enunciados. O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados).

O problema da totalidade se encontra na primeira e na última palavra, no início e no fim do enunciado cotidiano. O processo do discurso, compreendido de modo amplo como um processo da vida discursiva exterior e interior, é ininterrupto e não conhece nem início nem fim. O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinados pela situação do enunciado e pelo seu auditório. A situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado. Uma pergunta acabada, uma exclamação, uma ordem, um pedido são as totalidades típicas dos enunciados cotidianos. Todas elas (principalmente a ordem e o pedido) exigem um complemento extraverbal, assim como um início extraverbal. O próprio tipo de acabamento desses pequenos gêneros cotidianos é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas). Assim, a forma de uma

ordem é determinada por aqueles obstáculos que ela pode encontrar, pelo grau de submissão etc. O acabamento do gênero corresponde aqui às particularidades ocasionais e singulares das situações cotidianas. Só é possível falar sobre determinados tipos de acabamento do gênero na fala cotidiana quando ocorrem formas de comunicação cotidiana que sejam ao menos um pouco mais estáveis, fixadas pelo cotidiano e pelas circunstâncias. Por exemplo, um tipo totalmente específico de acabamento de gênero formou-se no bate-papo de salão leve e sem quaisquer obrigações, onde todos se conhecem e onde a principal diferenciação no público (auditório) é a distinção entre homens e mulheres. Aqui são elaboradas formas específicas da palavra: alusão, insinuação, reminiscência de pequenas histórias sabidamente levianas etc. Um outro tipo de acabamento é elaborado em conversas entre marido e mulher, irmão e irmã. De modo completamente diferente, são iniciadas, finalizadas e construídas as afirmações e réplicas dos tipos mais variados de pessoas que se reúnem ocasionalmente na fila, em uma instituição ou em qualquer outro lugar. Também possuem seus tipos os bate-papos de vizinhos em povoados, as festas urbanas, as conversas informais entre trabalhadores no horário do almoço e assim por diante. Cada situação cotidiana recorrente possui uma determinada organização do auditório e portanto um determinado repertório de pequenos gêneros cotidianos. Em todo lugar, o gênero cotidiano se insere em uma determinada via da comunicação social, sendo um reflexo ideológico do seu tipo, estrutura, objetivo e composição social. O gênero cotidiano é uma parte do ambiente social: da festa, do lazer, da conversa na sala de visitas, na oficina etc. Ele entra em contato com esse ambiente, que o limita e define em todos os seus aspectos interiores.

Já os processos de trabalho industrial e de comunicação nos negócios possuem outros tipos de construção dos enunciados.

No que se refere às formas de comunicação ideológica no sentido estrito da palavra — os discursos e atos políticos, as leis, as fórmulas, as declarações e outros do gênero, as formas dos enunciados poéticos, os tratados científicos e assim por diante — elas foram especialmente estudadas na retórica e na poética, porém, como já havíamos dito, esses estudos ignoram totalmente, por um lado, o problema da língua e, por outro, os problemas da comunicação social.⁵⁹

A análise produtiva das formas da totalidade dos enunciados como unidades reais do fluxo discursivo só é possível ao reconhecer cada um dos enunciados como um fenômeno puramente sociológico. A filosofia marxista da linguagem deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura sociológica.

Depois de mostrar a estrutura sociológica do enunciado voltaremos a abordar as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico e tiraremos as conclusões finais.

A linguista moscovita Rozália Chor,⁶⁰ que pertence à segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico (o objetivismo abstrato), finaliza o seu breve panorama da situação da linguística contemporânea com as seguintes palavras:

“A língua não é um objeto (ἔργον), mas uma atividade essencial e natural do homem (ἐνέργεια)”, disse a linguística romântica do século XIX. A lin-

⁵⁹ Confira o nosso trabalho “Slovo v jízni i slovo v poézi” [“A palavra na vida e a palavra na poesia”] (*Zvezdá*, nº 6, Guiz, 1926), dedicado ao estudo da obra poética que desconsidera as condições da comunicação artística, resultando em sua coisificação.

⁶⁰ Na primeira edição do livro (1929), o nome desta linguista apareceu como se fosse masculino, erro corrigido na segunda edição, de 1930. (N. da T.)

guística teórica moderna pensa diferente: 'A língua não é uma atividade individual (εὐέργεια), mas o patrimônio cultural e histórico da humanidade (ἔργον)'.⁶¹

Essa conclusão surpreende pela sua unilateralidade e tendenciosidade. Ela é totalmente errônea do ponto de vista factual. Pois a linguística teórica moderna conta também com a escola de Vossler, um dos movimentos mais poderosos do pensamento linguístico na Alemanha. É inaceitável identificar a linguística moderna apenas com uma de suas tendências.

Do ponto de vista teórico, tanto a tese quanto a antítese elaboradas por Rozália Chor devem ser igualmente rejeitadas, por serem igualmente inadequadas à natureza real da língua.

Finalizando, tentaremos formular em poucas teses o nosso ponto de vista:

- Síntese
p/ o an
tônio
de
M. R.*
- 1) A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
 - 2) A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.
 - 3) As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
 - 4) A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não

⁶¹ Trata-se do artigo de Rozália Chor, "Krizis sovremiënnoi lingvístiki" ["Crise da linguística contemporânea"], *Iafetitcheski Sbornik*, nº 5, Leningrado, 1927, p. 71.

pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma "necessidade livre" ao se tornar consciente e voluntária.

5) A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra "individual") é um *contradictio in adjecto*.